
O ESTUDO DO LUGAR E A PESQUISA COMO PRINCÍPIO DA APRENDIZAGEM

Helena Copetti Callai

O texto trata da discussão acerca da leitura da realidade, estudando o lugar a partir da visão da Geografia – uma disciplina escolar – que ao fazer a análise da paisagem investiga o seu processo de formação, considerando o espaço construído socialmente. Acentua que a pesquisa na escola, ao fazer a leitura da realidade, deve ser considerada como uma metodologia e não como o conteúdo em si.

O mundo da vida precisa entrar para dentro da escola para que esta também seja viva, para que consiga acolher os alunos e possa dar-lhes condições de realizarem a sua formação, de desenvolver um senso crítico e ampliar as suas visões de mundo.

Para que isto aconteça a escola precisa ser a geradora de motivações para estabelecer inter-relações e produzir aprendizagens, e o professor, o mediador deste processo.

Por outro lado, a pesquisa na escola se apresenta como a possibilidade de busca/investigação e produção do conhecimento. Um conhecimento que sirva para a vida do aluno, tanto na perspectiva de se reconhecer como um sujeito que tem uma identidade e que percebe o seu pertencimento, tanto quanto um desenvolvimento cognitivo que lhe permita ler o mundo, trabalhar nele tendo as condições necessárias e viver bem.

E a realidade, quer dizer, o lugar onde se vive, deve ser conhecido e reconhecido pelos que ali vivem, pois conhecer o espaço, para saber nele se movimentar, para nele trabalhar e produzir, significa conseguir reproduzir-se também a si próprio, como sujeito. Esta realidade (o lugar) pode ser a cidade (ou o município) que é por excelência o território compartilhado, o lugar da vida, onde se dá a reprodução, em determinado tempo e espaço, do mundo que é o global, do universal. Compreender a lógica da organização deste espaço permite que se perceba que as formas de organização são decorrentes de uma lógica que perpassa o individual, seja do ponto de vista da cidade como tal, seja das pessoas que ali vivem. E cada lugar responde aos estímulos gerados externamente (globalmente), de acordo com a capacidade de organização das pessoas e dos grupos que ali habitam. Isto tudo permite que cada lugar possua uma identidade, que são as marcas que o caracterizam. A identidade do lugar permite que as pessoas tenham uma identificação com o mesmo, mas acima de tudo é necessário que cada sujeito construa a sua identidade singular.

A identidade do lugar permite que as pessoas tenham uma identificação com o mesmo, mas acima de tudo é necessário que cada sujeito construa a sua identidade singular.

Isto posto, o desafio é procurar compreender como fazer a leitura desta realidade. Sem dúvida por meio da pesquisa. E daí vêm os questionamentos: como ler a realidade? O quê e como ler? Como conhecer o que está no lugar? Como entender as paisagens que ali se configuram? Como observar e reconhecer no espaço as nossas histórias? Como reconhecer nos lugares os resultados materializados das nossas vivências?

A Geografia propõe a leitura da realidade por intermédio daquilo que é o específico do seu trabalho, o espaço construído. Um espaço territorializado que faz parte da vida das pessoas, que é por elas construído, por meio da sua ação, mas também considerando a sua passividade, a sua não – ação. O espaço é o palco que serve de sustentáculo para as ações, mas ao mesmo tempo ele interfere, possibilitando, impedindo ou facilitando estas ações. Quer dizer, o espaço é um território vivo. E para fazer a leitura deste território a forma de apresentação que ele nos mostra é a paisagem. Uma paisagem é o retrato de um determinado lugar em um tempo específico, isto quer dizer que se apresenta de formas variadas ao longo do tempo. Além disto, a nossa apreensão pode não abarcar a visão de tudo, pois somos seletivos e portanto a nossa percepção da paisagem é sempre um processo seletivo de apreensão. Sendo a paisagem o que vemos, há a necessidade de olhar para além do que é o visível, pois ela não é formada apenas de volumes, mas também de cores, de movimentos, de odores, de sons, de lembranças.

Em resumo, pode-se dizer que a paisagem de uma cidade é resultado de dados físicos, que decorrem da natureza, tais como a vegetação, o relevo, a hidrografia, o clima; mas outros também, que são os edificados: os prédios, as ruas, os caminhos, as praças, os monumentos, os símbolos. E há também a história e as diversas histórias particularizadas, a memória, a simbologia, que expressam os sentimentos, a cultura do lugar. Esta (a cultura) é a síntese, é o que dá a identidade.

A memória é social, é a cultura, a marca da cidade. Mas é também particular/singular, que são os sentimentos, os valores, que vão sendo inscritos no espaço e vão nos educando.

Fazer a leitura da paisagem é, portanto, uma possibilidade para que seja lida a realidade, percebendo a história, o movimento, a mobilidade territorial, a seletividade espacial que é resultado do social. Pela cultura, muitas vezes territorializada no espaço de uma ou de outra forma, pode-se perceber os laços que os indivíduos traçam entre si, as formas de ação em relação ao ambiente, à natureza. Reconhecer a cultura local significa perceber a história do lugar, as origens das pessoas, as verdades e os valores que pautam as relações entre elas.

Entendida desta forma a leitura da paisagem se apresenta como uma possibilidade de fazer a leitura da realidade por meio de tudo o que existe naquele lugar, que se torna visível porque está edificada, materializada no território, e também nas entrelinhas daquilo que são os motivos que desencadearam os fenômenos e expressam as relações dos homens entre si e destes com a natureza.

É interessante verificar e entender como a cidade acolhe e abriga as pessoas e, por outro lado, como estas pessoas tratam e cuidam (ou não) da cidade.

Esse olhar espacial nos permite fazer a leitura do território marcado pela história da vida das pessoas que ali vivem e torna-se fundamental para que não se fique apenas nas descrições do aparente, olhar e conseguir perceber o que está por trás dessa aparência. Reconhecer os interesses envolvidos, as motivações, as lutas sociais, a capacidade de articulação das pessoas do lugar, significa ler para além da paisagem.

A leitura do lugar, o reconhecimento do que existe, é um passo para a compreensão da realidade. É importante, também, que seja feita a representação dos fenômenos e das paisagens. A capacidade de represen-

tar uma realidade que está sendo vivida permite que ocorra um distanciamento dela mesma, podendo-se compará-la a outras paisagens, a outros lugares. A representação, que pode acontecer das mais diversas formas (desenho, texto escrito, mapa, maquete, teatro, vídeo, jornal, etc.), encaminha a uma análise e possibilita uma sistematização. Aí entra outro aspecto que precisa ser considerado: a escala social de análise, sem a qual corre-se riscos de não entender as dinâmicas envolvidas, sejam elas sociais, econômicas, políticas, ou naturais. Cada lugar é a seu tempo e a seu modo uma mistura de características próprias do lugar em si e das interferências regionais, nacionais e internacionais. O universal se expressa, se evidencia no particular.

Depreende-se daí que a leitura da realidade só poderá ser bem realizada, se houver este olhar do universal e das singularidades expressas em determinados lugares. A pesquisa, portanto, deverá ser feita dessa

forma, como uma metodologia de trabalho e não como o conteúdo a ser aprendido. Existe todo um conhecimento produzido pela humanidade que precisa ser apropriado em seus diversos aspectos e guardadas as particularidades, pelas pessoas, pelos alunos, para que eles possam efetivamente realizar a sua formação como sujeitos críticos e capazes de exercer o seu papel social num mundo em que o contraditório se faz presente cada vez de maneira mais acentuada.

A pesquisa é então um princípio para a aprendizagem e exige toda uma postura de fazer avançar o conhecimento. Um conhecimento que não se esgota em si, mas que permite a interface, na análise da realidade, que é local, mas não apenas isso. Torna-se fundamental conseguir trabalhar com a diferença, que é tanto espacialmente percebida como é social e econômica, e que acima de tudo pode ser cultural.

A pesquisa na escola é então a possibilidade de cada aluno poder avançar conforme seus interesses e suas capacidades, buscando as informações que preci-

Cada lugar é a seu tempo e a seu modo uma mistura de características próprias do lugar em si e das interferências regionais, nacionais e internacionais. O universal se expressa, se evidencia no particular.

sa, assim como procurando as bases para dar conta de compreender estas informações. Estes referenciais podem ser trazidos pelas diversas disciplinas, que devem ter como meta principal fazer com que o aluno aprenda a pensar, estabelecendo relações e conexões por meio dos conteúdos específicos.

As possibilidades de trabalhar com a pesquisa são imensas, inclusive envolvendo os pais, os vários familiares, os líderes locais, enfim, dando a palavra a qualquer pessoa da comunidade que tiver interesse em contribuir com a escola.

Pode-se trabalhar a partir das aulas de Geografia ou tendo-as como interlocutora num trabalho interdisciplinar, com diversas atividades que lhe são específicas e que exigem inclusive uma alfabetização cartográfica, a ser desencadeada desde as séries iniciais. Vejamos algumas possibilidades de exercício:

- Com o mapa da cidade – traçando itinerários, percorrendo-os, representando-os, fazendo maquetes.
- Com documentos: da história da cidade, da história das pessoas, da sua própria história, construindo linhas de tempo, histórias em quadrinhos, álbuns, quadros.
- Com levantamentos com as pessoas, com os grupos organizados, sobre como eles percebem a cidade.
- Com o processo de fragmentação do solo urbano, através de interesses imobiliários, do poder público, do econômico, do político,
- Com a organização dos bairros, com o estudo da história das ruas, com os monumentos, praças, etc.
- Com a rede de transportes urbanos verificando as suas características, os fluxos, a acessibilidade, as ligações importantes.
- Com a verificação de casos em que os aspectos naturais condicionam os processos sociais, e aqueles em que as condições naturais são alteradas em função do uso urbano.
- Com a identificação dos lugares simbólicos da cidade, verificando o que eles representam para a cultura local.

Enfim, fazer a leitura da realidade por meio da pesquisa é buscar compreender o mundo em que se vive com um olhar novo, com o qual se possa perceber na aparência e por trás dela também, quer dizer, na sua essência, a vida que está sendo vivida. Ao realizar este exercício de investigação é importante verificar as paisagens, que são a expressão da materialização das relações entre os homens e entre os grupos que ali vivem; analisar os discursos das pessoas, ouvindo-os e situando-os no âmbito das realizações, das suas práticas; procurar reconhecer a cultura do lugar, percebendo a existência de uma cultura hegemônica e de outras diversas que com certeza existem entre as pessoas.

Se quisermos fazer da escola um lugar para aprender a pensar, para aprender a dominar e manejar instrumentos da tecnologia, para exercitar um pensamento crítico, para construir referenciais capazes de fazer esta leitura do mundo da vida, precisamos descobrir formas capazes de articular a formação do sujeito com identidade e reconhecendo o seu pertencimento com o trabalho cognitivo capaz de situar o aluno no contexto de uma produção intelectual realizada pela humanidade.

A pesquisa na escola é então a possibilidade de cada aluno poder avançar conforme seus interesses e suas capacidades, buscando as informações que precisa, assim como procurando as bases para dar conta de compreender estas informações.
